

LUCERNAS ROMANAS DE OSSONOBÁ (FARO, PORTUGAL). UM CONTEXTO AMBÍGUO

Carlos Pereira

UNIARQ-Universidade de Lisboa
Carlos_samuel_pereira@hotmail.com

ROMAN LAMPS FROM OSSONOBÁ (FARO, PORTUGAL). AN AMBIGUOUS CONTEXT

RESUMEN: O Museu de Faro (Portugal) conta com um vasto conjunto de lucernas romanas provenientes dos arredores da cidade. A estas estão, contudo, associadas demasiadas problemáticas. Se, por um lado, desconhecemos muito das condições de achado e dos seus contextos, por outro, mantiveram-se inéditas na bibliografia da especialidade. Horta, Horta do Pinto e Vale Carneiros são os sítios dos quais procedem os materiais que analisamos. Se sobre o último não persistem hoje dúvidas, os primeiros continuam envoltos num grande desconhecimento. Será dado a conhecer um importante conjunto de lucernas romanas bem conservadas, analisando simultaneamente a sua proveniência/produção, forma, iconografia e epigrafia.

PALABRAS CLAVE: Lucernas romanas, *Ossonoba*, Algarve, Horta do Pinto.

ABSTRACT: The Museum of Faro (Portugal) has a large number of roman lamps collected around the city. To them are associated many problems. We don't know the conditions and the contexts of the found and they was unknown for a long time. Horta, Horta do Pinto and Vale Carneiros are the archeological sites where the lamps were found. If about the last one we don't have doubts, the first ones remain shrouded in a great lack. Will be treated an important group of lamps, analysing simultaneously the production of each piece, the typological form, the iconographic decoration and the epigraphic marks.

KEYWORDS: roman lamps, *Ossonoba*, Algarve, Horta do Pinto.

RECIBIDO: 11.06.2012. ACEPTADO: 30.07.2012

1. INTRODUÇÃO

Desde meados do século passado, que a identificação da antiga cidade de *Ossonoba*, referida por Pompónio Mela, Plínio, e outros, e ainda localizada na *tabulae peutingeriana*, com a actual cidade de Faro passou a ser aceite sem reservas (Fig. 1). Esta associação muito deve aos trabalhos arqueológicos que Abel Viana aí desenvolveu¹, mas, principalmente, ao aparecimento de importantes achados epigráficos que permitiram tal identificação².

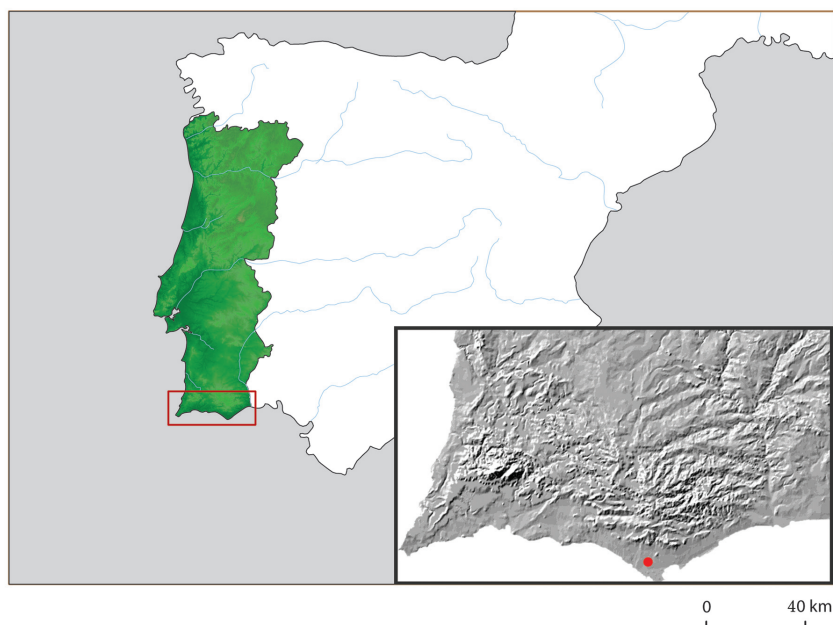


Fig. 1 – Localização de Ossonoba (Faro, Portugal).

Desde então, muito se descobriu da clássica cidade de *Ossonoba*. No entanto, não devemos esquecer que muito tinha já sido explorado, nomeadamente pelo pioneiro algarvio Estácio da Veiga, que havia descoberto um grande cemitério

¹ A. Viana, “Ossónoba. O problema da sua localização”, *Revista de Guimarães* 42 (1952) 250-285.

² J. de Encarnação, *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização* (Coimbra 1984).

J. Bernardes, “Ab Oppido ad Urbem: Algarve’s urban landscape variations throughout the roman age”, C. Corsi, F. Vermeulen (eds.), *Changing Landscapes. The impact of Roman towns in the Western Mediterranean* (Bologna 2010) 360.

“luso-romano” na actual cidade³ e vestígios diversos nas suas imediações. Mas, influenciado pelo trabalho de André de Resende⁴, Estácio da Veiga direccionou os seus trabalhos com maior esforço para as ruínas romanas de Milreu, há data identificadas com *Ossonoba*.

Também a Santos Rocha os vestígios que se encontravam ocultos sob a actual cidade de Faro passaram despercebidos. Este investigador apenas se deslocou ao núcleo urbano desta cidade para averiguar algumas peças de ouro que, dias antes, haviam sido descobertas⁵. Não obstante, efectuou alguns trabalhos nas cercanias da cidade, nomeadamente na Quinta do Sr. Pinto, com o objectivo de avaliar um pavimento e materiais que teriam aparecido “... em escavação para uma nora...”⁶.

Talvez os vestígios romanos de *Ossonoba* se tenham evadido do conhecimento destes investigadores não só devido à forte influência da obra de André de Resende⁷, mas também devido à sua breve estada na cidade algarvia, que não lhes permitiu um contacto mais directo com as gentes e com os acontecimentos da urbe. Certo é que, em 1870, durante arranjos no pavimento do Largo da Sé, se haviam já detectado vestígios arqueológicos⁸.

A viragem na investigação sobre a localização de *Ossonoba* iniciou-se, finalmente, com Lyster Franco que escavou no Largo da Sé, aí encontrando diversos vestígios arqueológicos, entre eles um templo romano⁹. Mas é, com efeito, Abel Viana que viria a desfazer, por completo, o mito equivocado de que a cidade romana de *Ossonoba* corresponderia à vila romana de Milreu¹⁰.

2. OS ACHADOS

Enquanto se desenvolvia toda uma nova teoria sobre a localização de *Ossonoba*, efectuavam-se trabalhos de natureza diversa na cidade e nas suas ime-

³ M^a Santos, *Arqueologia romana do Algarve* (Lisboa 1971).

⁴ A. de Resende, *De Anquitatibus Lusitaniae* (Lisboa 1593).

⁵ A. Rocha, “Artefactos púnicos encontrados no Algarve”, *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha* 1.6 (1908) 176-177.

⁶ A. Rocha, “Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve. Memórias e explorações arqueológicas III. Memórias sobre a Antiguidade”, *O Arqueólogo Português* 1 (1895) 200.

⁷ C. Viegas, *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano* (Lisboa 2011) 89-90.

⁸ J. Rosa, “Estamos em Ossónoba? (comunicação ao IV Congresso Nacional de Arqueologia)”, *Anais do Município de Faro* 14 (1984) 150.

⁹ G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns elementos para o estudo de um importante achado”, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa 1970) II, 161-195.

¹⁰ A. Viana, “Ossónoba. O problema...”, 250-255; C. Viegas, *A ocupação romana...*, 97-98.

dições, entre os quais os que tiveram lugar na Horta do Pinto. De cada um desses trabalhos resultava a recolha de materiais arqueológicos, na maioria, desprovidos de contextos.

Exemplo disso é a primeira notícia de recolha de lucernas na Horta do Pinto, as quais foram recolhidas pelo proprietário do terreno e cedidas a Monsenhor Conego Pereira Botto, então conservador do museu da cidade de Faro¹¹. Esta recolha decorreu pouco tempo após a passagem de Santos Rocha pelo local e não há dados suficientes para esclarecer se algumas destas peças poderão ser resultado dessa doação.

Mais tarde, em 1953, enquanto se procedia à abertura de arruamentos no mesmo local, apareceu um importante conjunto de lucernas romanas¹², tratando-se, provavelmente, de um contexto similar àquele que foi relatado pelo proprietário do terreno, pouco depois da passagem de Santos Rocha. Pouco se conhece sobre o achado tendo em conta que este decorreu em âmbito de obra sobre um forte sigilo tanto dos responsáveis por estas como pelo próprios trabalhadores. Sabemos que se deu aquando a abertura de arruamentos na zona¹³ e da qual resultou a recolha efectuada pelo Sr.^o José Marcelino, provavelmente trabalhador ou encarregado da obra¹⁴.

Contudo, quando iniciámos o estudo e tratamento das cerâmicas de iluminação do Museu de Faro, reparámos que estas eram provenientes de três sítios distintos, concretamente a Horta, Horta do Pinto e Vale Carneiros (Fig. 2). Sobre Vale Carneiros, creio não haver, neste momento, qualquer problemática no que respeita à sua localização ou tipologia do sítio. O relatório sobre os trabalhos efectuados para a revisão do PDM do concelho parece ter esclarecido devidamente a situação sobre o local¹⁵, situado em zona completamente distinta àquela a que nos reportámos.

Sobre o topónimo da Horta, ainda que possa gerar algumas dúvidas quanto à sua localização devido à vasta proliferação de idênticas designações na área, não parecem restar dúvidas sobre a sua identificação com a Horta do Pinto, sobretudo quando se analisam as publicações prévias dos materiais¹⁶.

¹¹ A. Rocha, “Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve. Memórias e explorações arqueológicas III. Memórias sobre a Antiguidade”, *O Arqueólogo Português* 1 (1895) 177.

¹² G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns...”, 161.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem* 177.

¹⁵ J. Bernardes, *Carta arqueológica do concelho de Faro* (Faro 2008), consultável nas entidades camarárias do concelho.

¹⁶ G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns...”, 161.



Fig. 2 – Localização dos principais sítios arqueológicos identificados e referidos.

Sobre o último, ou seja a Horta do Pinto, as primeiras referências surgem através das publicações sobre as excursões de Santos Rocha ao Algarve¹⁷. Na sua primeira excursão, e depois de intervir na Quinta de Marim, dirige-se para Faro onde “...na quinta do Sr. Pinto, commerciante, constou-nos que em excavação para uma nora apparecera a grande profundidade um pavimento, que presumimos, pela descripção, ser mosaico, pedaços de columns e alguns restos de cerâmica antiga.”¹⁸. Mais diz Santos Rocha que, pouco depois, o proprietário entregou alguns exemplares de lucernas ao conservador do Museu de Faro. Sobre a localização exacta deste topónimo nada é adiantado até porque, como foi já referido, Santos Rocha não esteve presente aquando esta recolha.

Idêntica situação repetir-se-ia com as informações de Gonçalo Lyster Franco, ao referir o aparecimento de um importante achado de lucernas romanas, em finais de 1953, mas sem efectuar uma localização explícita do local¹⁹. Mais uma vez tudo aponta para que Lyster Franco não tenha estado presente no momento da descoberta. Desloca-se efectivamente ao local para falar com os responsáveis pela obra, e pela descoberta, vendo os materiais já desvirtuados do seu contexto.

Contudo, devemos salientar alguns dados novos quando comparadas ambas as informações, a de Santos Rocha obtida no final do século XIX e a de Lyster Franco, compiladas no ano de 1953. A “horta”, que antes era do Sr. Pinto, comerciante, passou a ser denominada de Horta do Pinto. Presumimos que este comerciante possuía uma pequena quinta nos arredores da cidade, que, como tantas outras, era apelidada de “horta”. No entanto, a horta que o Sr. Pinto explorava em pleno século XIX estava a ser urbanizada 50 anos depois, trabalho que potenciou o achado mais avultado de lucernas.

Duas importantes conclusões se podem deduzir desta análise. Por um lado, parece claro que este local estava tão próximo da cidade que acabou por ser absorvido por ela, por outro, a sua proximidade ao bairro Lethes induziu Lyster Franco a associar as duas realidades arqueológicas²⁰, o achado que publicou e a necrópole escavada por Estácio da Veiga.

Mas o achado relatado por Lyster Franco e as peças entregues a Pereira Botto²¹ não correspondem a casos isolados. Aquando as obras de remodelação do Mercado Municipal, levadas a efeito em momento incerto mas certamente posterior ao achado de 1953, foram também recolhidos alguns exemplares de cerâmicas

¹⁷ Sobre as excursões de Santos Rocha ao Algarve, A. Arruda e C. Pereira, “De Santa Olaia a Bensafim: Itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve”, comunicação apresentada no Colóquio de Arqueologia: Santos Rocha, a arqueologia e a sociedade do seu tempo (*no prelo*).

¹⁸ A. Rocha, “Notícia de algumas...”, 200.

¹⁹ G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns...”, 161.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ A. Rocha, “Notícia de algumas...”, 200.

romanas de iluminação²², há data em posse do engenheiro encarregado pela obra, o Engenheiro Vargas. Desconhecemos as circunstâncias do achado, assim como o paradeiro das peças. Presumimos que continuem em mãos de particulares descendentes do engenheiro Vargas. Felizmente, Claudette Belchior pôde registar as peças, dando-nos informação da quantidade e qualidade das mesmas. Ainda que correspondam apenas a quatro exemplares, o seu estado de conservação e morfologia remete para realidade idêntica àquela observada por Lyster Franco.

O conjunto de lucernas da Horta do Pinto foram, portanto, recolhidas em três momentos distintos sem que tenha existido um registo rigoroso das condições de achado e dos seus contextos. Essas recolhas foram efectuadas entre o final do século XIX e a década de 70 da centúria seguinte. Com mais precisão podemos situar a segunda recolha, efectuada em 1953, apenas porque chegou ao conhecimento de Lyster Franco. Tais factos, impõem um grande desconhecimento sobre os sítios não sendo possível sequer distinguir quais os materiais resultantes de cada uma dessas recolhas.

Não obstante, os dados existentes situam o local, *grosso modo*, na actual zona compreendida entre o estádio de São Luís e o Mercado Municipal de Faro, mais próximo deste último. A área de São Luís parece corresponder a um espaço onde existia uma vasta proliferação de “hortas”, muitas ainda verificáveis nas cartas cadastrais. Por outro lado, nos anos 40, a Horta do Pinto ainda não havia sido urbanizada, conservando-se uma das “hortas de Faro” (Fig. 3).

3. OS MATERIAIS

Ainda que a maioria das cerâmicas de iluminação se encontre já divulgada, parece imprescindível efectuar um novo estudo, estimulado pela necessidade de divulgar novos dados referentes a produções, análises iconográficas e contextuais. Acresce à importância desta divulgação, o esclarecimento interpretativo deste achado que, tantas vezes, foi considerado como pertencente a um santuário romano.

O conjunto é constituído por um total de 56 peças, 63 se contabilizarmos as peças da colecção do engenheiro Vargas, responsável pela obra do Mercado Municipal, e as peças do Sr.º José Marcelino e do Sr.º Guerreiro, trabalhadores da obra de 1953 que aparentemente se apoderaram de algumas das peças recolhidas nesse ano²³, que se distribuem entre 41 exemplares de volutas, quase exclusivamente de bico redondo, sete de disco, um de canal e sete de tipo indeterminado.

²² C. Belchior, “Breve notícia de algumas lucernas do Museu de Faro”, *Anais do Município de Faro* 4 (1974) 199.

²³ G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns...”, 177, em nota de rodapé.

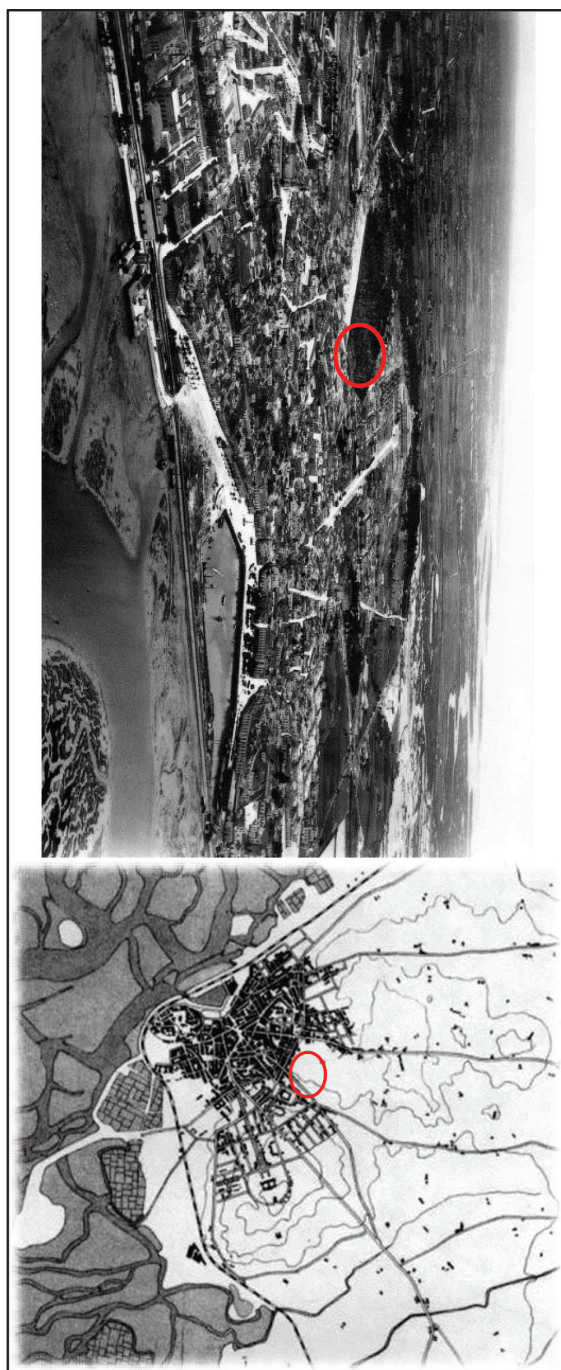


Fig. 3. A cidade de Faro em finais da década de 40 do século XX.

As produções hispânicas correspondem à quase totalidade dos materiais (Fig. 4), com exceção apenas de um único exemplar, possivelmente, de produção norte africana. Das produções hispânicas, pudemos reconhecer uma peça de produção de Andújar²⁴, e uma outra de produção bética-Guadalquivir. As restantes, na impossibilidade de precisar o centro produtor concreto, foram genericamente classificadas como produções béticas costeiras²⁵.

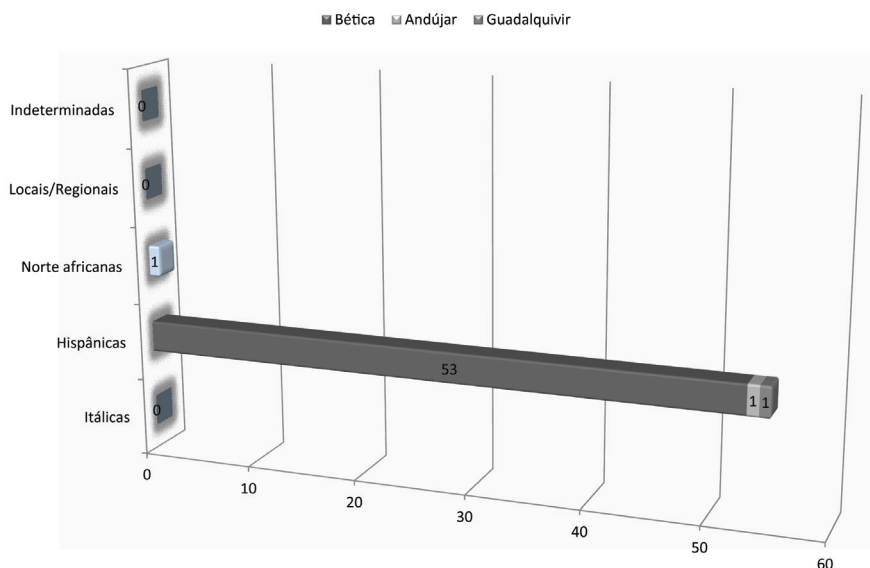


Fig. 4. Distribuição das diferentes produções identificadas.

Formalmente, este conjunto é variado havendo-se identificado treze tipos distintos. A forma mais antiga corresponde ao tipo 9A de Dressel, apresentando como principais características o típico bico triangular ladeado por volutas, corpo pequeno e circular, com a orla horizontal. Não poderíamos deixar de referir que

²⁴ M. Sotomayor Muro, M. Roca Roumens, N. Sotomayor e R. Atienza, “Los alfares romanos de los Villares de Andújar, Jaén”, *Noticiario arqueológico hispánico* 11 (1981) 309-316; D. Bernal Casasola, “Una pieza excepcional del Museo Nazionale de Roma y el problema de las lucernas tipo Andújar”, *Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Hª Antigua* 6 (1993) 207-220.

²⁵ F. Moreno Jiménez, *Lucernas romanas de la Bética* (Madrid 1991); D. Bernal Casasola, R. García Giménez, “Talleres de lucernas en Colonia Patricia Corduba en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas”, *Anales de Arqueología Cordobesa* 6 (1995) 175-216.

Lyster Franco apresenta no seu trabalho uma peça idêntica a esta, a qual se encontrava na posse de particulares, que acreditamos ter sido produzida na mesma oficina. As elevadas semelhanças espelhadas nas duas peças parecem confirmar tal possibilidade.

O tipo mais frequente corresponde à forma Dressel Lamboglia 11, que conta com 21 exemplares e supera, assim, as demais. Além das duas formas já referidas, este conjunto conta ainda com a presença das formas Dressel Lamboglia 5, Dressel Lamboglia 12, Dressel Lamboglia 14, Dressel Lamboglia 15, Dressel Lamboglia 16, Dressel Lamboglia 20, Dressel Lamboglia 28, Deneauve VG, Deneauve VII B, Deneauve VII D e o tipo Riotinto/Aljustrel (Fig. 5).

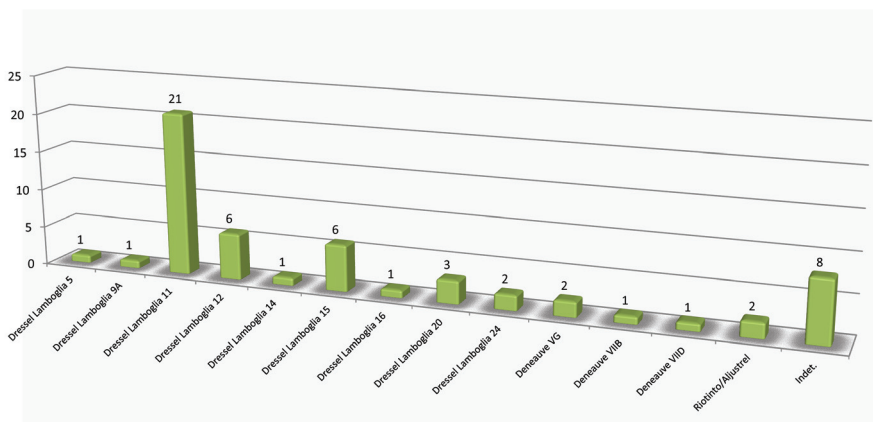


Fig. 5. As formas identificadas e a sua distribuição quantitativa.

Com estes dados, fica claro que as formas citadas não convivem todas num mesmo momento. Algumas são contemporâneas, como é o caso das Dressel Lamboglia 12 (Vespasiano), 14 (40-70 d.C.) e 15 (40-70 d.C.). No entanto, outras apresentam um hiato temporal relativamente distante entre si, como é o caso das formas Dressel Lamboglia 9A (Augusto-Tibério) e 28 (Século II-III d.C.).

Mas ainda que as cerâmicas de iluminação, analisadas na globalidade, demonstrem um grande espaço temporal de utilização, há um momento coincidente em que quase todas estão em utilização. Com efeito, entre os meados do século I d.C. e os meados da centúria seguinte todas as lucernas que aqui apresentamos estavam em uso (Fig. 6), exceptuando apenas o tipo Dressel Lamboglia 9.

A análise do conjunto permitiu ainda constatar que há peças que foram produzidas pelo mesmo molde, ou pelo menos fabricadas na mesma oficina. É o caso do tipo Dressel Lamboglia 11, decorado com um veado em corrida (Estampa I,

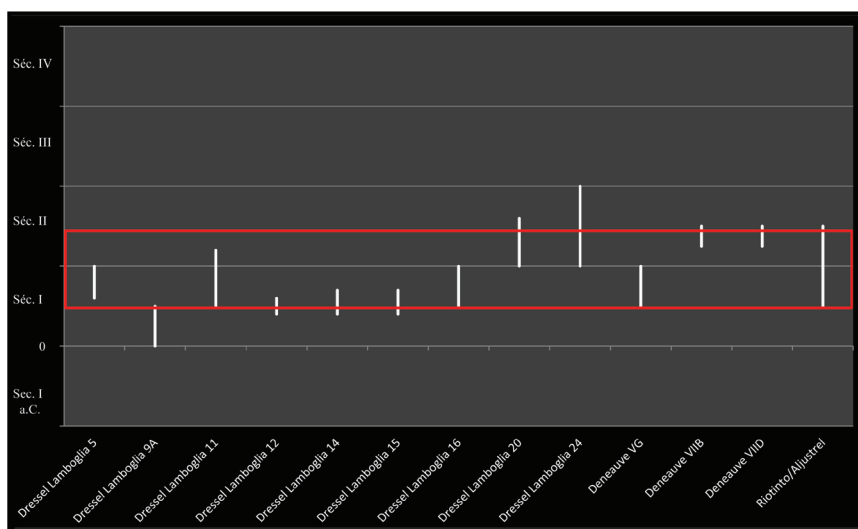


Fig. 6. Espectro cronológico de cada forma e baliza temporal de comprovada coexistência da maioria das formas.

1772 e 1773). Neste caso, a contrastante diferença no aspecto, parece ser resultado de um fenómeno pós-deposicional, não fazendo sentido tratar-se de uma sobre-moldagem de 1.^a geração.

Também a forma Dressel Lamboglia 28, de que há dois exemplares (Estampa I, 1788 e 1789), transparece idêntica realidade, fortalecida pelo facto de ambas as peças apresentarem a mesma marca de oleiro em dupla *planta pedis*.

Além destes casos, acreditamos que também o exemplar da forma Dressel Lamboglia 9A teria paralelo geminado. Infelizmente, um dos exemplares ficou em posse de particular o que nos impossibilita a confirmação de tal possibilidade. A julgar pela iconografia e dados apresentados no trabalho de Lyster Franco parece muito provável tratar-se da mesma produção.

Do repertório iconográfico identificado, podemos observar a presença de representações relacionadas com a religião ou mito, vida quotidiana, fauna, flora e figuras geométricas (Fig. 7).

No grupo da religião ou mito, muito abundantes, encontramos duas representações de Mercúrio com o caduceu e o Pégaso alado (Estampa II, 1758), uma de Eros montando um golfinho (Estampa II, 1767) e em outra montando o hipocampo, e ainda duas representações da mesma divindade tocando lira (Estampa II, 1756). Victória alada corresponde à divindade mais exibida. Se em alguns exemplares surge apoiada sobre a *urbis* com as asas estendidas e segurando a coroa e

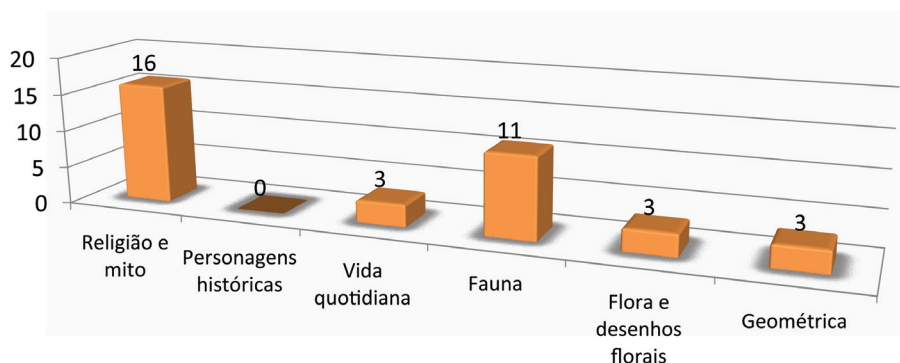


Fig. 7. Distribuição iconográfica das peças decoradas pelas diferentes categorias.

a palma, em outros aparece vestida com o *peplos*, de pé e segurando o *clipeus uirtutis*, contabilizando um total de cinco representações. Selene encontra-se também representada em dois exemplares deste conjunto, traduzindo-se em bustos centrados no disco, de frente ou ligeiramente de lado, com o típico crescente lunar na cabeça (Estampa II, 1757). Podemos ainda reconhecer duas lucernas com a reprodução da esfinge grega²⁶, correspondente a um mito animal com corpo de leão, garras e asas de águia e cabeça, geralmente, de mulher (Estampa III, 1765).

No grupo da vida quotidiana, encontramos a representação de uma cratera com o que parece um busto barbado (Estampa III, 1796), iconografia algo escassa no repertório decorativo das lucernas romanas. Identificou-se ainda uma cena de caça (Estampa III, 1768) e também uma lua e uma estrela.

No grupo da fauna, os mamíferos presentes correspondem a um bode (Estampa III, 1798), dois canídeos, um javali (Estampa III, 1770) e dois veados (Estampa I, 1772 e 1773). Das aves podemos identificar uma águia, um galináceo (Estampa IV, 1784) e uma pomba (Estampa IV, 1783). Finalmente, os animais marinhos estão representados por um crustáceo (Estampa IV, 1774), havendo um exemplar que ostenta dois golfinhos e ainda a representação de uma concha de vieira.

A flora ou desenhos florais encontram-se reproduzidos apenas por um exemplar com a representação de uma coroa de loureiro e um outro com a reprodução de duas folhas de palma e duas coroas de loureiro.

Não poderíamos deixar de referir que dos 40 exemplares decorados, apenas dois são lucernas de disco da forma Dressel Lamboglia 20. Os restantes decora-

²⁶ J. Denaeue, *Lampes de Carthage* (Paris 1969) pl. LXI, fig. 604 e pl. LXIX, fig. 726; D. Bailey, *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, III. Roman Provincial Lamps* (London 1988) 41, Q 1284 e Q 1285.

dos, mesmo os de forma indeterminada, coincidem com lucernas de volutas, na sua maioria do tipo Dressel Lamboglia 11 (Fig. 8).

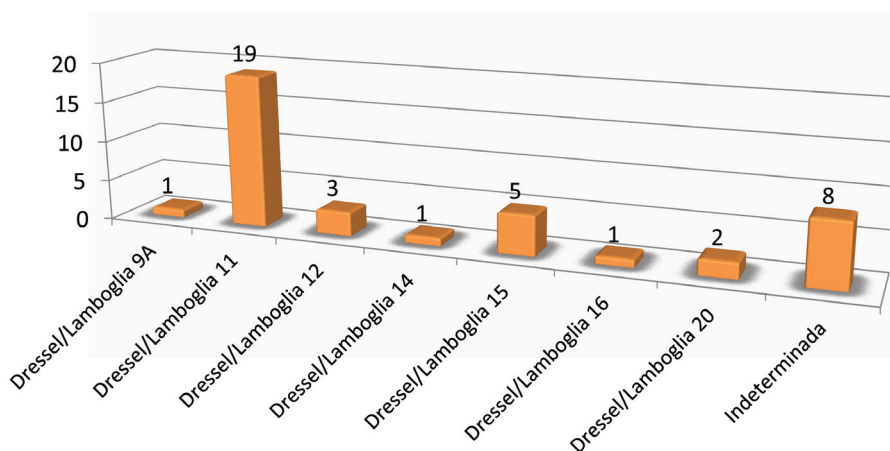


Fig. 8. Identificação das formas que ostentam representações iconográficas.

Este conjunto, além de variado morfológica ou iconograficamente, é-o também no que respeita a marcas e/ou contra marcas²⁷. 15 oferecem marca, três contra-marcas e ainda um outro ostenta um grafito junto à marca (Fig. 9).

Como na maioria dos sítios arqueológicos de cronologia balizada nos séculos I e II d.C., as comuns marcas dos oleiros *C. Oppius Restitutus* e *Gabinia* não poderiam deixar de estar presentes. Não obstante, outras, mais raras, foram identificadas, como é o caso do oleiro MYRO (Estampa IV, 1793), produtor quase exclusivo de lucernas de canal e que firma em relevo positivo, contrariando a maioria dos restantes produtores da época. Também muito pouco comum é a marca de *Munatius Adiecus* identificada neste conjunto (Estampa IV, 1784) e para a qual encontramos paralelo na obra de Bailey²⁸, num exemplar da mesma forma. Cronologicamente, todas estas marcas se encontram perfeitamente documentadas na segunda metade do século I d.C., coincidindo a época de laboração dos oleiros com as respectivas datações fundamentadas na morfologia.

²⁷ E. Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum. II. Inscriptiones Hispaniae Latinae* (C.I.L.) (Berlin 1869); H. Walters, *Catalogue of the Greek and Roman lamps in the British Museum* (London 1914); A. Balil, "Marcas de ceramista en lucernas romanas halladas en España", *AEspA* 41-42 (1968) 158-178.

²⁸ D. Bailey, *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, II. Roman Lamps made in Italy* (London 1980) plate 24, Q 984.

Coeva das marcas tratadas até ao momento é a aparente e inédita CLOL-PINT (Estampa III, 1768), para a qual não encontramos paralelo, embora a cena representada esteja bem documentada²⁹. Acreditamos que a falta de paralelos para este exemplar não se deverá a uma falha na leitura. Falamos de uma lucerna original, com iconografia comum e trato cuidado, com uma marca bem delimitada e visível.

Podemos ainda incluir neste âmbito cronológico a marca PY (Estampa II, 1756). Corresponde a uma marca da qual se desconhece a sua origem e para a qual apenas identificámos um paralelo na obra que Bailey dedica às lucernas de Itália³⁰.

Já produzidas em pleno século II d.C. foram as lucernas firmadas com um possível *tria nomina*, CTESO (Estampa V, 1786), e a marca FFM (Estampa V, 1787) correspondente a uma abreviatura em três letras. Sobre a segunda nada sabemos. Corresponde a uma marca inédita até ao momento, e, tratando-se de uma produção bética costeira, talvez a sua produção aí se tenha localizado.

Sobre a marca de CTESO levantamos algumas questões de difícil resposta. Ainda que rara, Bailey localiza esta produção no Norte de África³¹. No entanto, o exemplar de Faro parece corresponder a uma produção hispânica, ainda que com algumas reservas, mais concretamente bética costeira. Além do referido, sublinhamos também que se trata de uma produção original e não de uma sobremoldagem.

Posto isto, colocamos duas possibilidades plausíveis. Por um lado, além da produção norte africana talvez se tenha verificado uma sucursal hispânica. Por outro, recordando a temática respeitante à circulação de moldes³², quiçá corresponda a uma produção hispânica momentânea, estimulada, precisamente, por essa realidade. Não obstante, à luz dos escassos dados, não é ainda possível falar com segurança sobre este oleiro. Curioso é verificar que esta mesma peça ostenta um grafito junto à marca, sobre o qual, no entanto, pouco se pode adiantar.

As restantes marcas correspondem a símbolos em *planta pedis* (Estampa V, 1754) ou dupla *planta pedis*, ambas muito disseminadas por toda a Península Ibérica durante o século I e II da nossa era.

²⁹ Na obra de D. Bailey, *A Catalogue...*, plate 11, Q 866. E também na obra de S. Loeschcke, *Lampen aus Vindonissa, Ein Beitrag zur Geschichte von Vindonissa und des Antiken Beleuchtungswesens* (Zurich 1919) XII 484.

³⁰ D. Bailey, *A Catalogue of...*, 104.

³¹ D. Bailey, *A Catalogue of...*, 100.

³² R. Morais, *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período alto-imperial* (Braga 2005) 337-339.

N.º Inv. Refer.	Leitura	Oleiro	Forma	Origem	Cronologia	Contramarca	Produção
1767	COPPIRES	C(aius) Oppi(us) Res(titutus)	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	Itálica, mas com sucursais disseminadas por todo o mediterrâneo	90 a 140 d.C. para o caso desta marca Outras variantes estendem-se por todo o séc. II		Bética
1768	CLOLPINT	C. Lol(lius?) Pint(?) Ou Claudius Ol(?) Pint(?)	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	?	Segunda metade do século I d.C.	Não	Bética
1781	GABINIA	Gabinia Gabinianus G. Abinius ?	Dressel 15, Loeschcke V, Deneauve VD, Ponsich II-B2	Dependendo dos autores, pode ter origem no centro de Itália com sucursal no Norte de África, ou vice-versa	Segunda metade do século I d.C.	Não	Bética
1753	GABINIA	Gabinia Gabinianus G. Abinius ?	Deneauve V G	Dependendo dos autores, pode ter origem no centro de Itália com sucursal no Norte de África, ou vice-versa	Segunda metade do século I d.C.		Bética
1793	MYRO	?	Dressel 5, Loeschcke XK, Deneauve IXA, Bisi XB	Centro Itálica	Segunda metade do século I d.C.	Não	Bética
1784	(...)MADIEC	Munatius Adiecus	Dressel 15, Loeschcke V, Deneauve VD, Ponsich II-B2	Tem-se proposto duas produções, uma no centro de Itália e a outra no Norte de África	Segunda metade do século I d.C.	Não	Bética
1756		?	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	?	flaviana		Bética
1786	CTESO	C. Te(?) So(?) Ou C. Teso(?)	Dressel 20, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1, Walters 95	Africana	Século II d.C.	Não	Bética
1787	FFM	?	Deneauve VII B	?	Segundo quartel do século II d.C.	Não	Bética
1754		-----	Deneauve V G	-----	Frequente a partir de Tibério e durante o Séc. II d.C.	Não	Bética
1788		-----	Dressel 28, Loeschcke VIIIH, Deneauve VIII B, Ponsich III C	Muito difundida por toda a P.I.	Frequente nos séculos I e II d.C.	Não	Bética
1789		-----	Dressel 28, Loeschcke VIIIH, Deneauve VIII B, Ponsich III C	Muito difundida por toda a P.I.	Frequente nos séculos I e II d.C.	Não	Bética
1762	Dupla <i>planta pedis</i> com marca ilegível à volta, delimitando-a	?	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	-----	-----	Não	Bética
1775		-----	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	Muito difundida por toda a P.I.	Frequente nos séculos I e II d.C.	Não	Bética
1761		-----	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1			Não	Bética

Fig. 9. A epigrafia identificada nas lucernas de Faro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEPÓSITO VOTIVO?

Gonçalo Lyster Franco³³ avançou já com algumas possibilidades interpretativas para este achado. Infelizmente, não poderemos lograr uma conclusão mais acertada sobre a leitura desta realidade. As condições de achado, efectuadas em distintos momentos e desprovidas de qualquer rigor de registo, descrição ou escavação impossibilitam leituras mais assertivas. Como foi já esclarecido, o presente estudo permite avançar sobretudo o conhecimento prático do conjunto apontando dados que, na época, seriam difíceis de obter.

Pretendemos, acima de tudo, trazer à colação paralelos que ou têm sido ignorados ou mal interpretados por quem evoca este conjunto e este contexto na hora de utilizá-lo como pretexto interpretativo.

Assim, e retomando o trabalho de Lyster Franco, lembramos que este excluiu, à partida, a hipótese de se tratar de uma oficina ceramista³⁴, argumentando que a variedade de marcas verificadas invalidava tal possibilidade. Com efeito, podemos agora aditar que não consta no conjunto qualquer lucerna de produção local que possa dar consistência a essa presunção. Lyster Franco não poderia estar mais certo.

As duas possibilidades avançadas até ao momento são ambas plausíveis, parecendo, contudo, importante acrescentar aqui algumas reflexões sobre o conjunto das lucernas, ainda que estejamos conscientes que estas não permitem o esclarecimento cabal do seu significado nem tão pouco uma leitura menos hesitante sobre o sítio.

Lembramos que, desde a sua divulgação, foram avançadas duas hipóteses de interpretação para a funcionalidade do sítio -posto de venda ou santuário romano- ainda que a tónica tenha sido colocada na última, interpretando-se os dados como se pertencentes a um depósito votivo de um santuário³⁵.

Ainda que raros, são bem conhecidos alguns casos de santuários onde foram identificados grandes depósitos votivos de lucernas, como é, por exemplo o caso de Châtelards de Lardiers³⁶ (Fig. 10), Lachau³⁷ e ainda o caso português de Santa Bárbara de Padrões³⁸. Em todas estas situações procedeu-se à recolha de uma imensa quantidade de cerâmicas de iluminação que ultrapassam, especialmente nos casos franceses, os milhares. Deve ainda referir-se o facto de nestes depósitos

³³ G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns...”, 161-162.

³⁴ *Ibidem* 161.

³⁵ M. Maia, M.^a Maia, *Lucernas de Santa Bárbara* (Castro Verde 1997) 21.

³⁶ H. Rolland, “Circonscription en Aix-en-Provence (région nord)”, *Gallia* 20.2 (1962) 655-657.

³⁷ M. Leglay, “Circonscription du Rhône-Alpes”, *Gallia* 31.2 (1973) 515-547.

³⁸ M. Maia, M.^a Maia, *Lucernas...*

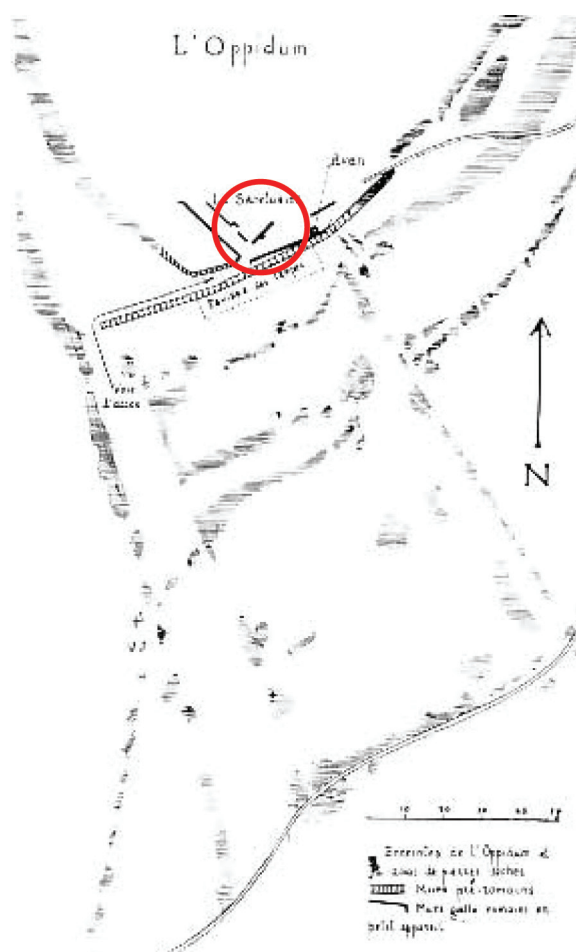


Fig. 4. - Le Châtelard. Ensemble du sanctuaire d'après les photos aériennes au 1/1000^e.

Fig. 10. Châtelards de Lardiers e a localização do santuário (In Rolland, 1962).

aparecerem sempre outros artefactos votivos que eram consignados juntamente com as lucernas³⁹.

Além da falta de informação sobre os contextos do achado ossonobense, também o diminuto número de exemplares, quando comparado com os casos relativamente bem conhecidos, obriga-nos a ser prudentes. Lembramos que as lu-

³⁹ Refira-se com especial destaque a recolha de objectos metálicos de forte carácter religioso profiláctico de igual forma numerosos, segundo relatos de H. Rolland.

cernas da Horta do Pinto não ultrapassam a meia centena. Por outro lado, e como bem salientou Lyster Franco⁴⁰, nas cercanias, senão imediatamente ao lado, está perfeitamente atestada a existência de uma grande necrópole romana sobejamente conhecida⁴¹.

Trata-se da mais importante necrópole da cidade romana de *Ossonoba* de dimensões consideráveis desconhecendo-se ainda, contudo, a totalidade da sua área. E, apesar de se encontrar sob o actual núcleo urbano, esta necrópole revela uma importância destacável no quadro dos espaços da morte algarvios.

Lembramos que estes últimos não funcionavam apenas enquanto tal, uma vez que, para que as grandes necrópoles pudessem sobreviver, garantindo a memória dos seus ocupantes, necessitavam dos vivos. Compreende-se então que em redor de uma necrópole se desenvolvesse todo um mercado de oferta e procura que poderia passar pela contratação de “carpideiras” (*praeficae*), dos indivíduos que se encarregavam da incineração (*ustrores*)⁴² ou de simples locais de venda de produtos manufacturados destinados a oferendas. Naturalmente que a existência de santuários associados a estes espaços não é desconhecida nem inédita.

Não obstante, e tendo em consideração os dados existentes, não parece seguro falar, neste caso, da existência de um depósito votivo associado a um santuário. Comparar este local com realidades como a de Santa Bárbara de Padrões⁴³ ou mesmo com os sítios franceses atrás referidos⁴⁴, que ofereceram impressionantes quantidades de materiais de tipologia variada, entre os quais lucernas, afigura-se, na nossa perspectiva, demasiado forçado.

A proximidade à mais importante necrópole da cidade é, até ao momento, a única realidade incontestável.

⁴⁰ G. Franco, “Lucernas romanas. Alguns...”, 161.

⁴¹ A. Viana, “O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)”, *Brotéria* 53 (1951) 145-147; M^a Luísa Estácio da Veiga, *Arqueologia...*, 188-192; C. Viegas, *A ocupação romana...*, 93-105; F. Teichner, T. Schierl, A. Gonçalves, P. Tavares, “Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga e as necrópoles romanas de *Ossonoba* (Faro)”, *Xelb* 7 (2007) 161-170; J. Bernardes, “As necrópoles de *Ossonoba*. Morrer em Faro há 2000 anos”, *Caminhos do Algarve Romano. Catálogo de Exposição* (Faro 2005) 26-34.

⁴² D. Vaquerizo Gil, *Necropolis urbanas en Baetica* (Tarragona 2010) 24 e ss.; D. Vaquerizo Gil, “De la agonía al luto. Muerte y *funus* en la Hispania romana”, C. Pacheco Jiménez (coord.), *La Muerte en el tiempo. Arqueología e Historia del hecho funerario en la provincia de Toledo* (Talavera de la Reina 2011) 95-125.

⁴³ M. Maia, M.^a Maia, *Lucernas...*

⁴⁴ *Ibidem*.

CATÁLOGO

Estampa I, 1772 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco pouco profundo delimitado por uma moldura. Base plana e lisa delimitada por uma moldura. No disco está representado um veado em corrida. A pasta é de tonalidade bege amarelada, depurada, homogénea e pulverosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destaque para os quartzos, os elementos ferruginosos e as argilas. Engobe mal conservado de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1 Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa I, 1773 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco pouco profundo delimitado por uma moldura. Base plana e lisa delimitada por uma moldura. No disco está representado um veado em corrida. A pasta é de tonalidade bege amarelada, depurada, homogénea e pulverosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destaque para os quartzos, os elementos ferruginosos e as argilas. Engobe mal conservado de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1 Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa I, 1788 - Lucerna de bico redondo, orla convexa decorada com óvulos e disco profundo e liso delimitado por uma moldura larga em alto-relevo. Base plana marcada com dupla *planta pedis* e delimitada por uma moldura. Asa de perfil arredondado com dois sulcos centrais. A pasta é de tonalidade bege, bem depurada, homogénea, compacta e pulverosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. Destaque para os quartzos e elementos ferruginosos. Engobe de tonalidade que varia entre o negro e o avermelhado. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Século II d.C. Alguns paralelos: Mérida, Troia, Conímbriga, Alcácer do Sal... Forma: Dressel 24, Ponsich III B 2. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa I, 1789 - Lucerna de bico redondo, orla convexa decorada com óvulos e disco profundo e liso delimitado por uma moldura larga em alto-relevo. Base plana marcada com dupla *planta pedis* e delimitada por uma moldura. Asa de perfil arredondado com dois sulcos centrais. A pasta é de tonalidade bege, bem depurada, homogénea, compacta e pulverosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. Destaque para os quartzos e elementos ferruginosos. Engobe de tonalidade que varia entre o negro e o avermelhado. Produção:

Hispânica, bética costeira. Cronologia: Século II d.C. Alguns paralelos: Mérida, Troia, Conímbriga, Alcácer do Sal... Forma: Dressel 24, Ponsich III B 2. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa II, 1758 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco profundo delimitado por três molduras. Base plana e lisa. No disco está representado o busto de Mercúrio de frente com o petasus alado colocado e o caduceu sobre o ombro direito. A pasta é de tonalidade bege, depurada, homogénea, compacta e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão de difícil distinção. Engobe mal conservado de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1 Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro, exposta temporariamente no Museu de Portimão.

Estampa II, 1767 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco pouco profundo delimitado por duas molduras. No disco está a representação de Eros montando um golfinho. Base plana e lisa delimitada por uma moldura ostentando a marca COPPIRES e uma contra-marca em forma de X. A pasta é de tonalidade bege amarelada, bem depurada, homogénea, compacta e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, de difícil distinção. Engobe de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa II, 1756 - Lucerna de volutas duplas de bico redondo sem asa. Disco pouco profundo com decoração figurativa ao centro, orla convexa com uma única moldura, pouco alta e base plana delimitada por uma moldura firmada com a marca PY e com contra-marca em forma de falo. Representação de um cupido desnudo e virado à direita, com um manto nas costas, tocando lira. A pasta é de tonalidade acastanhada, bem depurada, compacta e homogénea. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destacando-se os quartzos, as biotites e os elementos ferruginosos. Apresenta ainda vestígios de um engobe fino de tonalidade alaranjada. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa II, 1757 - Lucerna de volutas duplas com dois bicos redondos. Conserva ainda o arranque da asa plástica. Disco pouco profundo liso, orla larga horizontal. Representação de Selene virada para a esquerda com o crescente lunar na cabeça. A pasta é de tonalidade bege, bem depurada, compacta, homogénea e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão dos quais não fomos capazes de fazer distinções. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: 2.^a metade do século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia... Forma: Dressel 12, Loeschcke III, Deneauve VB, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa III, 1765 - Lucerna de volutas duplas com dois bicos redondos. Conserva ainda o arranque da asa plástica. Disco profundo decorado com uma esfinje, delimitado por duas molduras, orla larga horizontal. A pasta é de tonalidade bege acastanhada, bem depurada, homogénea e ligeiramente polvorosa. Apresenta frequentes elementos não plásticos de pequena dimensão, destaque para os quartzos, as biotites e algumas calcites. Engobe mal conservado de tonalidade laranja. Apresenta abundantes vestígios de uso. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: 2.^a metade do século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia... Forma: Dressel 12, Loeschcke III, Deneauve VB, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro, exposta temporariamente no Museu de Portimão.

Estampa III, 1796 - Lucerna de volutas duplas com dois bicos redondos. Conserva ainda a asa plástica em forma de crescente lunar. Disco pouco profundo liso, orla larga horizontal. Representação de cratera com figuração de um busto barbado. A pasta é de tonalidade bege amarelada, bem depurada, homogénea e muito polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. Destaque para os quartzos, as calcites e as biotites. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: 2.^a metade do século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia... Forma: Dressel 12, Loeschcke III, Deneauve VB, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa III, 1768 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco profundo delimitado por três molduras. Base plana e lisa delimitada por uma moldura ostentando a marca CLOLPINT. No disco está representado uma cena de caça de um leão. A pasta é de tonalidade bege, depurada, homogénea, compacta e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão de difícil distinção. Engobe mal conservado de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco...

Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa III, 1798 - Lucerna de volutas, pelo tipo de orla poderia ter bico triangular, volutas viradas para o bico, disco pouco profundo delimitado por três molduras, orla pequena e horizontal. Representação de um bode voltado à esquerda. A pasta é de tonalidade bege amarelada, bem depurada, compacta, homogênea e muito polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destacando-se os quartzos, as calcites, os elementos ferruginosos e as moscovitas. O engobe está mal conservado. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Indeterminada. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa III, 1770 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco profundo delimitado por duas molduras. Base plana e lisa delimitada por uma moldura. No disco está representado um javali em corrida. Na base ostenta uma contra-marca em forma de X. A pasta é de tonalidade bege amarelada, depurada, homogênea e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão de difícil distinção. Engobe mal conservado de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa IV, 1784 - Lucerna de volutas de bico redondo, volutas viradas para o bico, disco profundo delimitado por uma moldura, orla e convexa, base plana ostentando uma marca (...)MADIEC. No disco está um galo representado segurando uma folha de palma com a pata esquerda. A pasta é de tonalidade bege amarelada, bem depurada, compacta, homogênea e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destacando-se os quartzos, as calcites, os elementos ferruginosos e as moscovitas. O engobe está mal conservado. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: 2.^a metade do século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 15, Loeschcke V, Deneauve VD, Ponsich II-B2. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa IV, 1783 - Lucerna de volutas de bico redondo, volutas viradas para o bico, disco profundo delimitado por duas molduras e decorado com uma pomba, orla convexa e base plana. Asa de perfil ovalado. Representação de pomba de perfil, com as asas abertas e sobre uma rama. Parece estar em atitude de debicar comida. A pasta é de tonalidade bege amarelada, bem depurada, compacta,

homogénea e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destacando-se os quartzos, as biotites e as argilas. O engobe está mal conservado mas parece ser de tonalidade negra acastanhada. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: 2.^a metade do século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 15, Loeschcke V, Deneauve VD, Ponsich II-B2. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa IV, 1774 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla convexa e disco pouco profundo delimitado por duas molduras. No disco está a representação de um caranguejo Base plana e lisa delimitada por uma moldura. A pasta é de tonalidade bege, bem depurada, homogénea, compacta e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão, destacando-se os quartzos, as biotites e as argilas. Engobe de tonalidade negra. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa IV, 1793 - Lucerna de canal estreito aberto entre o disco e o bico. Orla convexa com uma grande moldura em alto-relevo e com dois apêndices laterais na orla. Base plana delimitada por um largo pé pouco saliente. Ostenta a marca MYRO em positivo. Estranhamente este exemplar apresenta asa, coisa que não corresponde a esta forma. Pode tratar-se de uma particularidade desta produção hispânica. A pasta é de tonalidade bege, bem depurada, homogénea, compacta e bastante polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. Destaque para os quartzos e aquilo que parecem ser pequenos nódulos de argila. Engobe de tonalidade negra, espessa e muito estalada. Produção: Hispânica, Andújar???? Cronologia: século II / século III. Alguns paralelos: Mérida, Sevilha, Granada, Carmona, Conímbriga, Tróia... Forma: Dressel 5, Loeschcke XK, Denaue IXA, Bisi XB. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa V, 1786 - Lucerna de bico redondo e plano separado do corpo por um sulco e ladeado por dois óvulos em negativo, orla convexa e disco profundo delimitado por duas molduras. Asa de perfil ovalado. Base plana e lisa delimitada por uma moldura. Ostenta a marca CTESO e imediatamente abaixo desta está um pequeno grafito que apresenta as letras I.E. A pasta é de tonalidade acastanhada, bem depurada e compacta, homogénea e ligeiramente polvorosa. Apresenta frequentes elementos não plásticos de pequena dimensão, destaque para os quartzos, as biotites e algumas calcites. Engobe mal conservado, espesso e de tonalidade negra. Produção: Hispânica, Bética Costeira. Cronologia: século II d.C. Alguns

paralelos: Mérida, Santa Bárbara de Padrões, Conímbriga, Santarém, Tróia, Santiago do Cacém, Peroguarda, Balsa... Forma: Dressel 20, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1, Walters 95. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro, exposta temporariamente no Museu de Portimão.

Estampa V, 1787 - Lucerna de bico redondo plano, orla convexa com dois sulcos que delimitam uma moldura em alto-relevo, disco profundo liso e base côncava ostentando a marca FFM. A orla está decorada com semicírculos presentes também entre o disco e o bico, realidade algo inédita. Asa maciça de perfil ovalado. A pasta é de tonalidade bege amarelada, bem depurada, homogénea, compacta e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. Destaque para os quartzos, as moscovitas e as argilas. Engobe mal conservado de tonalidade negra. O bico apresenta vestígios de uso. Produção: Hispânica, Bética Costeira. Cronologia: 2.^a metade do século II d.C. Alguns paralelos: Ampúrias... Forma: Deneauve VII B. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa V, 1754 - Lucernas de aletas laterais, bico redondo delimitado por duas molduras na parte virada para o disco. Orla convexa com uma moldura em forma de gota invertida. Disco profundo e liso com um canal que o liga ao bico. Base plana e lisa marcada com uma *planta pedis*. A pasta é de tonalidade bege acastanhada, bem depurada, homogénea, compacta e bastante polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão difíceis de distinguir. Engobe de tonalidade negra que mais se assemelha a uma aguada. Produção: Hispânica, Bética Costeira. Cronologia: 2.^a metade do século I d.C. Alguns paralelos: Mérida, Sevilha, Granada, Carmona, Conímbriga, Vila Cardílio, Tróia, Alcácer do Sal... Forma: Deneauve V G. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa V, 1762 - Lucerna de bico redondo com volutas duplas, orla horizontal e disco pouco profundo com representação de Vitória alada sobre a *urbe*, delimitada por três molduras. Base plana e lisa delimitada por uma moldura e marcada com dupla *planta pedis*, à volta da marca vêm-se caracteres que não são possíveis de decifrar. A pasta é de tonalidade bege acastanhada, bem depurada, homogénea, compacta e polvorosa. Apresenta poucos elementos não plásticos de pequena dimensão. Destaque para os quartzos, e as biotites e as argilas. Engobe mal conservado de tonalidade negra mais semelhante a uma aguada. Produção: Hispânica, bética costeira. Cronologia: Meados do séc. I d.C. a finais do mesmo. Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Bárbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Peroguarda, Castelo Branco... Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1. Local de depósito: Museu Arqueológico e Lapidar D. Infante, Faro.

Estampa I



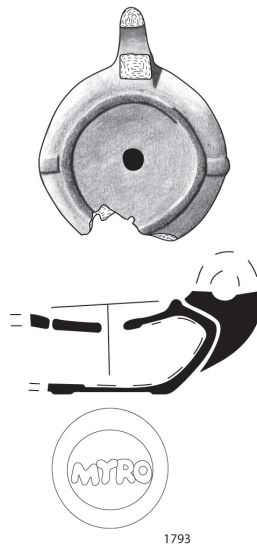
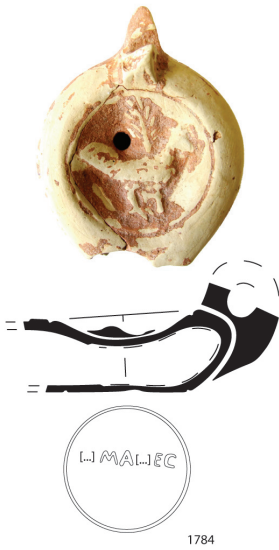
Estampa II



Estampa III



Estampa IV



Estampa V

